



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

### **A era LDRV: a idiosincrasia do grupo<sup>1</sup>**

### **The LDRV era: the group idiosyncrasy**

Rodrigo Duarte Bueno de Godoi<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo é parte de uma dissertação em andamento, e busca evidenciar o processo de problematização de processos midiáticos observados empiricamente. A observação, coleta e seleção de indícios para produção de inferências iniciais são elementos abordados durante o trabalho, com intuito de abrir a pesquisa para o diálogo e, também, trazer à tona as especificidades encontradas neste objeto. Para tal, descreve-se processualidades e tenta-se desenhar o que é efetivamente o grupo em questão, além de tornar explícito algumas características vistas como relevantes para o avanço da pesquisa.

**Palavras-chave:** LDRV; Grupos; Facebook.

**Abstract:** This article is part of an ongoing dissertation, and seeks to highlight the process of problematization of empirically observed media processes. The observation, collection and selection of indications for the production of initial inferences are elements approached during the work, in order to open the research for the dialogue and also to bring to the fore the specificities found in this object. To this end, proceduralities are described and an attempt is made to design what is effectively the group in question, in addition to making explicit some of the characteristics considered relevant for the advancement of the research.

**Keywords:** LDRV; Groups; Facebook.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

<sup>2</sup> Mestrando em Ciências da Comunicação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, pela Unochapecó. E-mail: rodrigodurt@gmail.com



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

### **Introdução**

Este trabalho compõe uma dissertação de mestrado em andamento, inserida na linha de pesquisa Mediatização e Processos Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. E para tal, diante do seu contexto empírico, delimita-se o problema de pesquisa até o momento da seguinte maneira: de que forma os atores sociais criam e mantêm laços identitários através de grupos no Facebook?

De forma transversal, entende-se que o caso deste objeto em construção está inserido em um processo de mediatização da sociedade, e paralelamente paira sobre as redes sociais digitais da internet, mais especificamente sobre o Facebook.

Este texto busca trazer um aspecto de problematização e, portanto, movimento inferencial a partir de características observadas no objeto empírico da pesquisa em desenvolvimento. Para tal, é necessário tornar explícito que a imersão no campo de observação compõe um movimento de buscas, coleta e seleção de indícios, com o intuito de explorar o que deste objeto se sobressai quando olha-se sem prerrogativas determinísticas para a pesquisa. Não suficiente, a produção inferencial é um exercício trabalhado e discutido neste trabalho.

Braga (2008) indica que:

Há sempre uma relação entre indícios e um ângulo das coisas para o qual aqueles indícios serão «reveladores». Mas não automaticamente: é preciso fazer articulações entre pistas e fazer inferências. Dois níveis de percepção, então, são necessários. Perceber o próprio indício (ou seja: que um dado aparentemente irrelevante pode ser significativo) e desenvolver relações com uma proposição buscada: fazer inferências. (BRAGA, 2008, p. 79).

Neste ensejo, busca-se evidenciar que indícios vem sendo trabalhados, sob uma perspectiva da comunicação, e o que estas pistas vêm dando a ver sobre o caso da pesquisa. Aliado a isso, toma-se como base um panorama de método de indução, dedução e abdução no processo de construção do caso da pesquisa.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Entendendo, com base em Ferreira (2012), que por sua vez se debruça sobre Peirce (1878), que a interpenetração de deslocamentos que, por um lado acontecem em busca de perspectivas teóricas e, por outro, a partir de características percebidas indutivamente, a abdução na pesquisa proporciona um panorama de descoberta no processo de investigação. Ou seja, movimentos dedutivos, indutivos e tentativamente abducativos também estão presentes no processo de construção da pesquisa.

Neste sentido, o que se propõe para os debates nos grupos de trabalho do evento é justamente o compartilhamento do estágio atual de exploração. As pistas encontradas empiricamente no objeto apontam para alguns aspectos que vem se destacando, e ao trazê-las busca-se a troca de saberes que provoquem tensionamento no próprio processo de interpretação dos processos midiáticos observados.

### **Midiatização**

Adota-se neste trabalho, com base em Fausto Neto (2006) a proposição de que a midiática é um fenômeno em curso e, portanto, não finalizado. Ao nos embasarmos neste conceito estão sendo referidas as transformações nos modos de “ser e estar” no mundo, tendo em vista um contexto midiático que atravessa diretamente a maneira de viver do tecido social (GOMES, 2017).

Nesta ambiência, o território de circulação midiática se sobressai pelas suas características, que trazem à tona uma nova arquitetura comunicacional, destacada por Fausto Neto (2010):

A circulação ao deixar de ser uma problemática de intervalos entre elementos de um determinado processo de comunicação, passa a se constituir em um dispositivo central, uma vez que as possibilidades e a qualidade das interações sócio-discursivas se organizam cada vez mais em decorrência da natureza do seu trabalho em dar forma à arquitetura de processos comunicacionais. As lógicas dos “contratos” são subsumidas por outras “lógicas de interfaces”. As lógicas sobre as quais se fundam as enunciações deslocam os sujeitos discursivos para novos (inter) espaços ou dispositivos singulares: mídias como o rádio, a tevê, o jornal, parecem desaparecer para se transformar em “superfícies multimidiáticas” controladas pelo receptor. (FAUSTO NETO, 2010, p.12).



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

É interessante observar na proposição do autor a centralidade da circulação nos processos de interação que a sociedade produz. Não sendo vista mais como um intervalo de passagem, o contexto de circulação numa sociedade em vias de mediação representa a transformação das lógicas acionadas pelos sujeitos.

Diversos autores trabalham suas perspectivas sobre o fenômeno de mediação presente na contemporaneidade. Cada um, a sua perspectiva, aperfeiçoa e infere sobre como vê e percebe a emergência de compreensão sobre as transformações sociais e o agenciamento do processo de mediação nessas mudanças. Mesmo autores situados mais especificamente na América Latina constroem pontos de visão diferentes, porém, referindo-se a este panorama, Fausto Neto (2008) chama a atenção que há um eixo presente nesta variedade de perspectivas:

O eixo que atravessa tais formulações é o fato das mesmas entenderem que as mídias deixaram de ser apenas instrumentos a serviço da organização do processo de interação dos demais campos, e se converteram numa realidade mais complexa em torno da qual se constituiria uma nova ambiência, novas formas de vida, e interações sociais atravessadas por novas modalidades do «trabalho de sentido». Neste contexto, as mídias não só se afetam entre si, se inter-determinando, pelas manifestações de suas operações, mas também outras práticas sociais, no âmago do seu próprio funcionamento. (FAUSTO NETO, 2008, p. 92).

A transformação da mídia para algo mais complexo, imbricada com novas modalidades de “trabalho do sentido”, é o que de certa maneira expressa uma visão central para o autor na gênese das formulações sobre o conceito de mediação.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

### O grupo LDRV

Tendo em vista essa conjuntura, o objeto em questão trata-se do grupo do Facebook Lana Del Ray VEVO<sup>3</sup> ou LDRV. Seu início se deu como página homônima no Tumblr, mas mais tarde migrou para o Facebook como página e, logo após, começou a integrar seus seguidores em um grupo na plataforma. Os aparatos técnicos de criação e gerenciamento do grupo são exatamente iguais aos dos demais grupos existentes na plataforma Facebook, porém, o que se sobressai neste caso são os usos e as apropriações dos membros dessa comunidade.

Neste grupo existem regras que incidem sobre o comportamento dos membros, e neste sentido a moderação do grupo é rígida, uma vez que quem não as segue, é removido da comunidade. De alguma forma essas regras também explicitam e amparam o que grupo manifesta como propósito: “ser uma válvula de escape dos tormentos cotidianos com postagens descontraídas e discussões saudáveis”<sup>4</sup>. Estas normas incidem também sob a noção do tipo de conteúdo que se quer ali dentro: conteúdos engraçados, originais e de preferência com tom de deboche. Para evitar conteúdo que *floodem*<sup>5</sup> a comunidade, existem *Spinf-offs* (ou subgrupos) com destinações específicas, estes por sua vez, são como ramificações ligadas ao grupo principal, porém “independentes” e destinadas para discutir especificamente sobre um tipo de conteúdo (definido pela temática do grupo). Além disso, páginas no Facebook, Twitter, LinkedIn e perfis no Instagram constituem essas ramificações. Essa comunidade é abertamente LGBTQ+<sup>6</sup>, e possui uma grande presença da cultura pop, principalmente no que concerne às divas pop norte-americanas.

O nome Lana Del Ray VEVO (e, portanto, sua derivação em sigla) surgiu do interesse do criador da página/grupo por cantoras alternativas, e pelo seu gosto pessoal

---

<sup>3</sup> Página disponível no link a seguir: <<https://goo.gl/TWFaEX>>. Acesso em 25/01/2018.

<sup>4</sup> Propósito expresso na seção “sobre” do grupo.

<sup>5</sup> Termo utilizado pelos membros para descrever algo repetitivo, que já foi postado por outra pessoa.

<sup>6</sup> Utilizo essa expressão por englobar todas as orientações sexuais e identidades de gênero. Referência Disponível em: <<https://ok2bme.ca/resources/kids-teens/what-does-lgbtq-mean/>>. Acesso em 25/01/2018.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

pela cantora Lana Del Rey<sup>7</sup>, no entanto esse interesse em se falar sobre essa temática foi sendo perdida com o tempo. A sigla LDRV normalmente tem um subtítulo, compondo assim, um nome para o grupo. Esse nome não é fixo, e possui um aspecto de mutabilidade. Por exemplo, em outros momentos chamou-se “LDRV Disk Me”, fazendo referência ao lançamento musical<sup>8</sup> da cantora *Drag Queen* Pablo Vittar. No próprio desenrolar da pesquisa existiram momentos de troca do nome do grupo, evidenciando essa característica.

O que vem sendo percebido é que não se trata de um grupo de fãs, muito embora o imaginário sobre essas cantoras e sobre a indústria musical pop em geral esteja presente em muitas discussões. Mas de um grupo, que se articula com interesses em comuns e consegue produzir uma série de códigos e imaginários. O humor, é uma grande chave ativadora das interações entre esses sujeitos, sendo acionado na maioria das vezes através de sátiras, ironias e coisas do dia a dia, tentando sempre ter uma identificação por parte dos outros membros do grupo.

Além disso, o grupo já passou por 11 “eras” diferentes. O que se denomina como “era” são como *reboots*<sup>9</sup> do grupo: em um determinado momento, a administração decidia abandonar o grupo e criar um novo, dando início a uma nova era. Em entrevista, Neto (2018) (criador do grupo) explica que novas eras eram criadas pelo aspecto experimental do grupo: não sabiam como lidar com grande número de membros, e criando um novo grupo era mais fácil moderá-lo, conseguindo assim, corrigir erros de eras anteriores.

Esse nascimento de eras e, portanto, processo de migração entre um grupo e outro, acontecia muito rapidamente. Os grupos “abandonados” não eram apagados da plataforma na maioria das vezes, mas permaneciam ali sendo utilizados por parte de

---

<sup>7</sup> Cantora, compositora, modelo e atriz norte-americana. Bibliografia disponível em: <<https://goo.gl/1YeY28>>. Acesso em 12/12/2018.

<sup>8</sup> Vídeo lançado em 05/10/2018, disponível no link a <<https://www.youtube.com/watch?v=pHKjk1Dtege>>. Acesso em 06/12/2018.

<sup>9</sup> Quando algo é reiniciado, “começado do zero” novamente.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

alguns retardatários que não conseguiam integrar o novo grupo, até que em um certo momento deixassem de utilizá-lo também.

A partir de movimentos de idas e vindas aos empíricos e também de uma articulação com a biblioteca disponível sobre o fenômeno de mediação, a priori associa-se o objeto ao conceito de comunidades de sentido (Janotti Jr., 2003) entendendo que essas comunidades não são estabelecidas de acordo com a sua geolocalização, e que, portanto, rompem as barreiras da distância geográfica. Nesse sentido, as fronteiras delimitadoras da distância física passam a não ser um impedimento para o compartilhamento e coexistência de um universo de sentidos construídos através (e nesses) agrupamentos sociais.

Por outro lado, Gasparetto (2009) apresenta o conceito de “comunidades de pertencimento” o qual também tem uma aproximação com o objeto da pesquisa. O autor, ao observar comunidades formadas via dispositivo televisivo, explicita que a comunidade de pertencimento é “uma comunidade que se amplia por intermédio de ‘pedagogias emocionais’ e que se relacionam com rede de relações que se religam com cotidiano das pessoas” (GASPARETTO, 2009, p. 413). O sentimento de pertença é avolumado a partir de “efeitos de inclusão”, onde a recepção compartilha e tenta dissipar demandas do dia a dia. Tendo a pensar que existe uma aproximação com estes dois conceitos, muito embora, nem um nem outro expliquem totalmente do que se trata este objeto.

No entanto, o que entra em jogo é justamente o que perpassa estes sujeitos: uma bandeira levantada sobre pertencimento, ou, um sentido que perambula nas interações e produções que estes membros realizam? A imersão, neste caminho, se torna uma maneira justamente de observação e constatação de processos que podem vir a trazer à tona possibilidades de horizonte para essa questão. A aproximação com esses conceitos de alguma maneira já traz um vislumbre de teorizações que colaboram para o entendimento dos processos midiáticos realizados no grupo.

Tendo como base algumas características observadas neste grupo, entende-se que há uma autorregulação construída a partir de regras que são aceitas voluntariamente. Ao solicitar entrada no grupo, é necessário responder a um questionário, o qual apresenta as



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

diretrizes do grupo. Ao entrar, na seção “sobre” ficam expostas as normas estabelecidas pela administração do grupo. A partir disso, inferi-se que o conjunto de regras ali elencadas - embora em alguma medida soem como imposição – são aceitas a partir de um acordo tácito por parte dos membros e da administração grupo. Nestes acordos subentendidos, há um claro jogo de interesses: pelos membros em querer interagir dentro desta comunidade, e pela administração em aceitar no grupo apenas quem esteja de acordo com as regras ali elencadas. Porém, entende-se também que ao partir da ideia de aceitação tácita - pura e simples - das regras, corremos o risco de um reducionismo da complexidade das lógicas próprias do objeto. Neste sentido, há que se observar os embates e apropriações dos membros dentro do grupo, compondo um comportamento que nem sempre está preocupado em seguir as normas estabelecidas.

Outro aspecto observado é a criação e o uso de imagens (como por exemplo memes) produzidas e/ou editadas a partir de softwares, desvelando assim um o processo de apropriação imagética que necessita de domínio de técnica para que se efetive. É possível verificar o atravessamento do domínio de softwares na produção de imagens que são ressignificadas pelos atores interagentes dentro da comunidade.

Outro aspecto que inferimos é o processo tentativo de criar um espaço que seja alternativo as lógicas do próprio Facebook. Percebe-se que há um esforço da administração do grupo em estimular os membros para que não façam posts repetitivos. Numa plataforma que valoriza a ideia de que um conteúdo compartilhado ao mesmo tempo por milhares de pessoas é sinônimo de algo bem-sucedido, neste espaço busca-se o contrário: conteúdos que teoricamente tenham uma certa originalidade. Quando algum assunto, post, conteúdo e/ou meme passa a ser repetitivo ele é visto como algo saturado, algo cuja quantidade já cruzou a tênue linha do que é engraçado e passa a ser visto como mais do mesmo.

Além disso, há outro indício que nos aparenta ser relevante: Uma das regras estabelecidas é bastante enfática quando explicita que “o que se posta no grupo, deve ficar no grupo”. Assim, a sensibilidade e privacidade de cada membro ao expor algo de sua intimidade é preservada a partir de uma noção de coletividade. A partir deste indício,



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

infere-se que há uma tentativa de criar um espaço seguro para conversação. Compartilhar algo íntimo no grupo e tentar manter isso dentro dele, é algo que reforça um sentido de pertença que é compartilhado pelos membros e pela administração do grupo.

Evidencia-se também que a interação entre os atores na maioria das vezes possui um tom de cotidianidade, salientando o aspecto de não preocupação com rituais de formalidade em interações. Denota-se a partir disso a noção que os membros têm deste grupo como um lugar descontraído e onde encontrará outros atores com interesses em comum. Silverstone (2010) defende que as tecnologias mediáticas possuem um lugar cada vez mais presente na cotidianidade, e, portanto, papel importante no modo como as pessoas organizam a sua vida. Pensar sobre essas incidências é fundamental para tentar entender o que a sociedade faz e que tipo de relações se criam a partir da confluência da vida cotidiana com a tecnologia.

A presença de signos, conceitos e sentidos da cultura pop dentro deste grupo também oferece alguns indícios importantes para reflexão. Como já descrito, o grupo principal é abertamente voltado para a comunidade LGBTQ+, e frequentemente alguns elementos da cultura pop – principalmente no que diz respeito as divas pop – circulam e são ressignificados por estes sujeitos. Porém, a presença destes modos de ressignificação nos leva a pensar sobre como alguns elementos da indústria cultural não são aceitos de modo “puro”, mas precisam passar por um processo de “remodelagem” para fazer sentido dentro do grupo. A construção de um humor específico, que passa por linguagens, símbolos, e características próprias da comunidade são alguns traços dessa ressignificação.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

*Figura 1 - Ressignificação Pop<sup>10</sup>*



Fonte: acervo do autor.

Uma das regras estabelecidas explicita a tentativa de não ter discussões políticas no âmbito ideológico, social e econômico dentro do grupo, uma vez que o propósito da comunidade é ser um lugar de descontração. A partir disso, podemos inferir que supõe-se que há uma compreensão tácita por parte de todos os membros sobre as necessidades, urgências e adversidades ligadas a questões pertinentes a comunidade LGBTQ+, e que pelo grupo ser explicitamente destinado a estes sujeitos, a construção de um espaço preocupado em trazer humor e segurança para interação já se torna um discurso que de certa forma já é politizado, ancorado na coletividade. Não querer discussões políticas, evidencia uma busca pela manutenção do propósito do grupo e uma preocupação com os seus membros.

O grupo principal possui um aspecto de mutabilidade. Inferimos que de certa forma, essa identidade mutável passa também por uma noção de identidade coletiva, que mesmo se transformando de tempos em tempos ela representa ideais e cosmovisões dos interagentes do grupo. A construção de um nome composto que vai sendo alterado, as

---

<sup>10</sup> Este post faz alusão a uma fanfic do caso romântico de Selena Gomez e Faustão. No post o ator ironiza com duas fotos da cantora.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

identidades visuais do grupo bem como as próprias regras que vão sendo adaptadas, são alguns dos indícios dessa inconstância e versatilidade do grupo.

Considerando sobre as condutas nos ambientes digitais, Rodrigues e Braga (2015) apontam que “a ausência de regulação formal (...) faz com que a produção de representações culturais no contexto digital seja autorregulada por constrangimentos interacionais, na forma de críticas, interpelações, ou mesmo de estratégica indiferença” (RODRIGUES e BRAGA, 2015, p. 44). No objeto aqui sendo observado, essa espécie de “autorregulação” produzida, seguida e afirmada pelos próprios atores, se dá de forma rígida e explícita, através do banimento/remoção do ator social que não seguir as regras da comunidade. Ou seja, nestes grupos a aparente regulação (mediada pela possibilidade técnica da ferramenta) feitas pelas administrações, excluem membros que fogem do regramento proposto pelo grupo, o que de certa forma ultrapassa a ideia de um constrangimento interacional.

Paralelamente nestas observações, surgem alguns paradoxos que nos lembram em alguma medida configurações e lógicas do que é entendido como “sociedade dos meios”, onde havia uma centralidade dos meios nos processos de circulação das informações (Fausto Neto, 2006). Este paradoxo efetivamente se constitui a partir do momento em que enxergamos estes atores sociais inseridos em lógicas próprias no processo de midiatização, reproduzindo e mantendo regramentos e códigos dentro do grupo, deixando o acesso a ele mediado por uma possível (ou não) aceitação. Há uma certa alusão ao fato de que o aspecto técnico da plataforma em possibilitar a uma comunidade ser fechada, media as relações entre as pessoas, nos lembrando assim lógicas da “sociedade dos meios”, muito embora nesse caso essa mediação seja feita pelos próprios atores sociais.

### **Considerações finais**

A elaboração deste artigo, junto as discussões suscitadas pela terceira edição do seminário, possibilitaram a percepção de que algumas características do objeto



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

evidenciam, justamente, a especificidade deste grupo. O debate sobre estes pontos levantados, permitem que as inferências produzidas também sejam tensionadas, de modo a trazer outras perspectivas a contribuir para a pesquisa. Desde o início da elaboração do resumo para o evento entendia-se que a riqueza do evento residia justamente nesta possibilidade de debate com os colegas e as outras perspectivas que seriam colocadas em jogo.

A rigorosidade das regras é uma característica a ser observada mais profundamente, tendo em vista que elas estão presentes no processo de manutenção da comunidade. Durante o Gt, as discussões suscitaram uma problematização sobre esse elemento, tendo em vista um contexto social, cultural e político de polarização, tendo proximidade com o tema central do seminário.

A busca pelas especificidades, tão explorada neste texto, se dá em função da busca pelo desentranhamento comunicacional no objeto. Braga (2008), comenta que a verificação de ocorrências que sejam únicas, ou que aconteçam em condições especiais, permite que através do entendimento das condições de existência dessas situações se possa teorizar sobre e, portanto, construir perspectivas mais gerais.

Assumir este texto como parte do processo e, portanto, não finalizado, colabora para uma reformulação de aspectos da própria pesquisa em andamento. Neste sentido, uma dificuldade foi a transposição de descrever o que o objeto empírico é para passar a produzir inferências sobre.

A “era LDRV” é neste sentido uma alusão as práticas, estratégias e táticas que trazem à tona as peculiaridades do grupo. Segundo o dicionário Aurélio, a idiossincrasia se define como: “Maneira própria de ver, sentir, reagir, de cada indivíduo”, e neste sentido, as características particulares desse grupo somam-se e constituem um modo complexo de agir dessa comunidade, tanto para fora de si quanto em suas lógicas internas.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

### Referências bibliográficas

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, n.2, p. 73-88, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>>. Acesso em 24/04/2019.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mediatização – Prática social, prática de sentido**. Trabalho apresentado no GT Políticas e Estratégias de Comunicação do XV Encontro Anual da Compós – UNESP – Bauru, 6 a 9 de junho de 2006. 15 pp. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_544.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf)>. Acesso em 12/12/2018.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma «analítica» da mediatização. **Matrizes**, v. 1, n. 2, p. 89-105, 2008.

FAUSTO NETO, Antonio. A Circulação além das bordas. **Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos Brasil y Argentina**. Rosário: UNR, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Minidicionário. **Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Jairo. **O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação**. In *Texto* (UFRGS. Online), v. 27, p. 161-172, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/33802/0>>. Acesso em 24/09/2018.

GASPARETTO, Paulo Roque. **Mediatização da religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento: estudo sobre a recepção da TV Canção Nova**. 2009. Tese de Doutorado. UNISINOS.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à Mediatização: um conceito em evolução**. São Leopoldo: UNISINOS, 2017.

RODRIGUES, Adriano; BRAGA, Adriana. **Interação, discurso, e espaço público em ambiente digital**. In: CASTRO, Paulo César (org.). *Dicotomia público/privado: estamos no caminho certo?*. Maceió: EDUFAL, 2015.

SILVERSTONE, Roger. **La moral de los medios de comunicación. Sobre el nacimiento de la polis de los medios**. Bueno Aires: Amorrortu, 2010. 288p.

JANOTTI JR., Jelder Silveira. *Mídia e Cultura Juvenil: das comunidades de sentido e dos grupamentos urbanos*. 2003. **Anais Compós XII**: Recife/PE. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_944.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_944.pdf)>. Acesso em 23/11/2018.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

---

NETO, Kaerre. Entrevista. **Falamos com Kaerre Neto, nome por trás do LDRV, um dos maiores grupos do Facebook.** Glamour: 20/11/2018. Disponível em: <<https://goo.gl/uPUUid>>. Acesso em 11/02/2019.